

**A BARCA E O OFÍCIO DE MOTORISTA:
UMA MITANÁLISE BACHELARDIANA**

William Gustavo Machado¹

Resumo: A filosofia da imaginação de Gaston Bachelard nos impele a pensar as manifestações humanas em uma multiplicidade de sentidos. O estudo que aqui trazemos segue na esteira da amplificação simbólica promovida pela fenomenologia bachelardiana, portanto, o que perseguimos é a conexão de uma *vontade de trabalho* com o ofício de motorista em algumas de suas nuances simbólicas. Fundamentados ainda na antropologia de Gilbert Durand, o qual nos apresenta uma arquetipologia geral das manifestações imaginárias humanas, procuramos relacionar uma espécie primitiva de *vontade de conduzir* aos ofícios tanto de barqueiro quanto de motorista, demonstrando o veículo como uma atualização arquetípica da barca.

Palavras-chave: Imaginário. Trabalho. Arquetipologia. Gaston Bachelard.

*L'ÉCORCE ET LE MÉTIER DE CHAUFFEUR :
UNE MITALYSE BACHELARDIENNE*

Résumé: La philosophie de l'imagination de Gaston Bachelard nous pousse à penser les manifestations humaines dans une multiplicité de sens. L'étude que nous présentons ici s'inscrit dans le sillage de l'amplification symbolique promue par la phénoménologie bachelardienne, donc, ce que nous poursuivons c'est l'articulation d'une *volonté de travail* avec le métier de chauffeur dans certaines de ses nuances symboliques. Toujours en s'appuyant sur l'anthropologie de Gilbert Durand, qui nous présente une archétypologie générale des manifestations imaginaires humaines, nous tentons de rapporter une sorte primitive de *volonté de conduire* aux métiers à la fois de batelier et de conducteur, démontrant le véhicule comme une mise à jour archétypale du barge.

Mots clés: Imaginaire. Travail. Archétypologie. Gaston Bachelard.

*“A rede do meu destino
Parece a de um pescador*

¹ Graduação em Filosofia (Bacharelado) pelo Centro Universitário Internacional UNINTER, Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS); Músico e Professor de Música. *E-mail:* wgmachado1991@gmail.com

*Quando retorna vazia
Vem carregada de dor
Vivo num redemoinho
Deus bem sabe o que ele faz
A onde que me carrega
Ela mesma é quem me traz”
(Paulinho da Viola)*

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a temática do trabalho pelo viés mítico das filosofias do imaginário, principalmente de Gaston Bachelard e Gilbert Durand. Concentrando-nos especificamente no ofício de motorista, procuramos o fundo arquetípico e imagético atuante em tal ofício. Acreditamos aqui que o motorista seja uma atualização técnica² do barqueiro. Sendo assim, percorremos um caminho que parte de uma breve mitanálise³ bachelardiana de Caronte e que irá desembocar em nosso atual ofício urbano, o de motorista.

De início estão expostos alguns princípios daquilo a que Durand veio a chamar de *função fantástica*, da imaginação, do imaginário; para que possamos ter em questão princípios epistemológicos (e ontológicos) que nos situem em um horizonte pesquisante,

² Uma atualização técnica de um arquétipo consiste em ser uma manifestação temporal e cultural de uma imagem primordial. Uma vez que a um arquétipo não cabe uma representação na sua totalidade, o que faz com não poderemos o conhecer integralmente, cabe a investigação dos seus rastros, das suas manifestações, ou seja, cabe às pesquisas do imaginário perseguir apenas os produtos simbólicos resultantes de uma força arquetípica.

³ A mitanálise é um conceito forjado por Gilbert Durand, discípulo de Bachelard, contudo parte do próprio método particular deste de estudar as manifestações culturais, as relacionando com todo um repertório mítico e se utilizando de um vocabulário operatório próprio às perspectivas de estudo do imaginário, tal como este irá ser formulado a partir do século XX. Uma mitanálise *bachelardiana* se utiliza, portanto, das imagens as quais este filósofo em específico se utilizara em suas investigações acerca do imaginário.

em um ideário reflexivo não pré-determinante, mas imaginante, poético e, ainda, fenomenológico. Partindo desse pressuposto, o que queremos é a amplificação simbólica do ofício que está em pauta, o que nos remete ao que ainda Durand veio a encontrar nas hermenêuticas de Bachelard, Jung e Cassirer: hermenêuticas instauradoras, que não *reduzam* o simbólico ao teórico, mas, sim, que abram a imaginação imaginante e o pensamento reflexivo - aquele que *volta atrás* - na busca dos sentidos e dos valores (não só utilitários, mas também oníricos) das atividades humanas.

Após essa exposição serão apresentadas algumas considerações, construídas a partir da pesquisa bibliográfica acerca do imaginário da barca e que serão costuradas com o ofício de motorista ao final, as quais podem ser ainda ampliadas e aprofundadas em posteriores pesquisas.

2 O IMAGINÁRIO E AS ATUALIZAÇÕES TECNOLÓGICAS

“O devaneio é então um pouco de matéria noturna esquecida na claridade do dia.”

(*Gaston Bachelard*)

Nos diz o filósofo da imaginação, um “[...] princípio da imaginação material: *é a matéria que comanda a forma*” (BACHELARD, 1989a, p. 124, grifo no original). Para realizar estudos acerca da imaginação, seguindo a perspectiva de Gaston Bachelard, se faz necessário compreender alguns princípios como esse, o qual retira da *forma* um império para colocar a força da imaginação em um *primeiro lugar*, onde essa deforma imagens *dinamicamente* e pelas *matérias* do mundo. O filósofo nos provoca a pensar a *imaginação imaginante*, criadora, e não reprodutora, retirando-a de uma ontologia que a descrevia apenas como formal, para reaparecer, então, como *dinâmica e material*. Com Bachelard, a imaginação estará no cerne de todas as germinações psíquicas humanas:

[...] a imaginação poética se revela de um alcance psicológico incalculável. Ela nos ajuda a reviver a inscrição da linguagem ao centro mesmo do ser

humano. A imagem poética faz da poesia uma ontologia poética. Ela é, apenas para ela, um método de investigação do inconsciente total. Ela nos leva a origem das línguas, a juventude sempre ativa da linguagem. O lirismo é necessariamente um entusiasmo linguístico. A poesia, na glória de suas novas metáforas, é sempre, tão parcialmente que seja, uma criação de linguagem. Quando um grande poeta falou, a linguagem recebeu uma promoção definitiva (ROCHA *et al.*, 2021).

Ligada à matéria, ela trava um diálogo, se dialetiza, pelas forças do *contra* ou do *repouso*, pelos convites ou pelas exclusões, ela imagina *com* a matéria. Sobre esse *com* nos diz Bachelard (2003, p. 2): “a imaginação nada mais é senão o sujeito transportado às coisas”.

O filósofo nos diz ainda que “o *imaginário* não encontra suas raízes profundas e nutritivas nas *imagens*; a princípio ele tem necessidade de uma *presença* mais próxima, mais envolvente, mais material” (BACHELARD, 1989a, p. 126, grifos no original). Se tem assim não as dicotomias tão distantes entre a imaginação e o mundo real. A imaginação está na justa conexão entre nós e o mundo. Imaginamos mundos. Mundos sonham em nós. A epistemologia utilizada para os estudos do imaginário não pode, portanto, mais ser fundamentada nos princípios tanto do cartesianismo, cujo separa sujeito e objeto, corpo e alma, quanto na lógica oriunda do aristotelismo e o seu princípio do terceiro excluído, ou ainda no próprio princípio de identidade promovido por Parmênides - ser *ou* não ser: o imaginário atua por paradoxos, *com* um terceiro incluído, de modo que não exista a conjunção *ou* (BACHELARD, 2003) e ainda de forma difusa - o não-ser não existe para a imaginação. Paradoxalmente, diríamos ainda que um adequado estudo da imaginação não pode ocorrer “por meio de uma leitura epistemológica, mas sim por meio dos poetas de modo a buscar a compreensão principalmente pela orientação romântica e da *naturphilosophie*” (FONSECA *et al.*, 2021).

Gilbert Durand irá denominar esse processo, de troca entre a materialidade (e o seu dinamismo) e a imaginação, de *trajeto antropológico*: “incessante intercâmbio que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 2002, p. 27). Bachelard

irá, inclusive, notar que os grandes sistemas filosóficos, as organizações de pensamento dos mais famosos filósofos, são grandes sonhos, uma vez que o filósofo trabalha percorrendo esse caminho entre essas duas polaridades, entre as mais profundas obscuridades subjetivas e as clarezas objetivas higienizadas das manchas imagéticas. Nos diz Nogueira (1994) que “o Trajeto Antropológico não é uma descrição de uma relação, e sim, um vetor dinâmico”. Trata-se, portanto, de um dinamismo vivo, que está em constante deformação.

Assim se chega para pensar o tema proposto aqui: um olhar para as manifestações arquetípicas e as suas correlações com imagens ancestrais, antiquíssimas. Se quer olhar, através de uma *variação tecnológica*, o fundo criador humano e as suas vontades, que dialogam mais no espaço, e (um pouco) menos no tempo, com as imagens que tem seu sentido na vontade de perenidade, construídas pela *função fantástica*⁴. Aqui menos importa a linearidade do historicismo que as pressões pedagógicas, que forçam as assimilações e acomodações, de inúmeras formas, para as deformações criadoras da imaginação.

É com isso que se propagam estudos do imaginário, pensando pelas atualizações imaginárias, dos mitos, dos ritos, dos arquétipos, dos símbolos, dos *schèmes*⁵. A imaginação, difusa, vai se comunicar com o que é ancestral, rasgando o tempo, negando-o, dando à humanidade força contra a morte. Imaginar é, por isso, ausentar-se, é sair do tempo cronológico: “Pela imaginação abandonamos o curso ordinário das coisas. Perceber e imaginar são tão antitéticos quanto presença e ausência. Imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma nova vida” (BACHELARD, 1989a, p. 3).

⁴ A expressão *função fantástica* pertence à Gilbert Durand, a qual é um sinônimo da palavra *imaginação*. Cabe lembrar aqui que deve-se ao romantismo de Novalis a utilização do termo *fantástico*. Este, assim como todo o movimento romântico, acreditava na poesia como uma saída para a crise filosófica de seu tempo e assim apostou as suas forças naquilo a que ele veio a denominar como *fantástica transcendental* - expressão que viria a ser utilizada tanto por Bachelard quanto, mais tarde, por Durand na elaboração de uma *filosofia do imaginário*.

⁵ *Schème* é um conceito durandiano baseado nos estudos de reflexologia. Segundo a teoria do antropólogo, os *schèmes* seriam ontologicamente anteriores aos arquétipos, fundando estes, e estariam intimamente relacionados aos reflexos dominantes (nutrição, postural e acoplamento, em estado latente).

3 A BARCA: COLEÇÃO E TRANSPORTE

Segundo Gilbert Durand (2002), o automóvel seria uma atualização da *barca*:

Na consciência contemporânea informada pelo progresso técnico, a barca é muitas vezes substituída pelo *automóvel*, ou mesmo pelo avião. Maria Bonaparte insistiu com razão no caráter hedônico e sensual do passeio de automóvel. O automóvel é um equivalente, enquanto refúgio e abrigo, da barca romântica. [...] Haveria muito a dizer sobre o apego muito freudiano do homem do século XX ao auto-refúgio, ao automóvel amorosamente embelezado e mantido. É que o automóvel também é microcosmo, tal como a morada animalizada, animaliza-se, antropomorfiza-se. Sobretudo, feminiza-se como a morada (DURAND, 2002, p. 252).

Trata-se de uma atualização a partir de um arquétipo, um tipo de preenchimento cultural, e por isso temporal, sobre uma forma “vazia”, ou melhor, sobre uma forma que chama o seu preenchimento, dando, à humanidade que se utiliza dessa atualização, o seu *trajeto antropológico*, pelo movimento entre o real e o imaginário. O que vale aqui ressaltar é a visão durandiana que coloca então o automóvel (a barca atualizada) como primitivamente um repouso. É só após o cumprimento dessa função de refúgio que ele irá se constituir enquanto um objeto de transporte, de movimento. Afinal, é somente após ser *continente* que o carro pode então partir, com direção.

Já em Gaston Bachelard (2009) encontra-se a sugestão, pelo mundo da palavra, de que em tudo há um fundo imagético, primitivamente feminino, em repouso, em um *bem-estar*. “Amar as coisas em função de seu uso é próprio do masculino. São pedaços de nossas ações, de nossas ações vivas. Mas amá-las intimamente, por elas mesmas, com as lenticões do feminino, eis o que nos conduz ao labirinto da Natureza íntima das coisas” (BACHELARD, 2009, p. 30). A intimidade é uma construção da feminilidade. A barca é, pois então, um refúgio, como nos diz Durand (2002). Aqui a “interpretação do símbolo da barca é entendida como topos, continente, lugar; e como berço, infantil, ou seja, de manifestação do cuidado materno, feminino, lugar de repouso, descanso, entrega

confiante e ingenuidade” (CARBONI, 2020). Bachelard nos alerta para as racionalizações que nos impedem de sonhar, por exemplo, as águas, os mares e os barcos:

Evidentemente, essa concepção da viagem marinha tem imediatamente contra si as explicações utilitárias. Queremos sempre que o homem primitivo seja nativamente engenhoso. Queremos sempre que o homem pré-histórico tenha resolvido inteligentemente o problema de sua subsistência. Em particular, admite-se sem dificuldade que a utilidade é uma ideia clara e que ela sempre teve o valor de uma evidência segura e imediata. Ora, o conhecimento útil é já um conhecimento racionalizado. Inversamente, conceber uma ideia primitiva como uma ideia útil é cair numa racionalização ainda mais capciosa na medida em que atualmente a utilidade está compreendida num sistema de utilitarismo muito completo, muito homogêneo, muito material, muito nitidamente fechado. O homem, ai de nós!, não é lá tão racional! Ele tem tanta dificuldade em descobrir o útil como o verdadeiro... (BACHELARD, 1989a, p. 76, grifos no original).

Essa "morada *sobre a água*" (DURAND, 2002, p. 249), que é a barca, “deixa de ser símbolo de partida para confirmar-se como cifra do fechamento tranquilizador sobre as possíveis intempéries das águas durante a viagem” (MIGUEL, 2005). Trata-se de uma proteção humana, contra o mundo. Exerce uma função psíquica como a de qualquer abrigo, como um *continente*, sendo *intimidade* e portando propriedades de *redobramento*: é um continente dentro do continente que é o mar, abrigando o navegador e outros continentes, gavetas, armários e até cofres.

A barca é um rico símbolo da imaginação, pois pode ser vista sob dupla perspectiva – da intimidade e do redobramento: é casa sobre a água, que simboliza a intimidade de seus ocupantes e o redobramento da solidez do espaço firme sobre a liquidez da água. A barca é aqui o elemento pertencente à constelação isomórfica do continente, que agrupa em si as atividades de transporte e coleção, simples modalidade de intimidade (MIGUEL, 2005).

Intimidade e redobramento são justamente traços das profundezas psíquicas, oriundos das imagens arquetípicas femininas, que convergem pelo *schème* da proteção. Bachelard, sonhando as imagens marítimas, nos dirá, então, que “o mar é para todos os homens um dos maiores, um dos mais constantes símbolos maternos” (BACHELARD, 1989a, p. 120). O mar é uma água maternal. É um grande colo, que coleta e transporta. Eis então a imagem de redobramento: um colo para outros colos, bem como nos traz

Bachelard (2003) a respeito do “complexo de Jonas”, “representante” do lado noturno da imaginação, segundo Gilbert Durand (2002).

a barca simboliza a intimidade pelo encaixamento dos continentes, de forma que o rio acolhe a barca, a barca acomoda a mulher-mãe, e esta faz dos braços o aconchego perfeito para o filho. Integrando ainda essa constelação simbólica temos a caixa que guarda os fósforos, a sacola que guarda coisas; são todos símbolos da intimidade quente, da segurança, do equilíbrio, da conjunção secreta, da introversão, da obsessão da intimidade, reforçada pelo simbolismo do manto e do xale que cobre a mulher e, ainda, pelos panos em que está envolvida a criança (MIGUEL, 2005).

“Se é verdade que o navio se transforma em casa, a barca torna-se, mais humildemente, berço” (DURAND, 2002, p. 251). E que lugar, no imaginário, ocuparia então o automóvel moderno? Como se pode perceber, há aqui também a presença do *schème* da proteção, há os redobramentos no veículo que acolhe o motorista em um confortável banco, possuindo porta-malas, porta-luvas, porta-copos, entre outras continuações imagéticas do proteger. Ser continente, então, importa mais que a fixidez ou a mobilidade do objeto.

A tecnologia apenas se serve da diferença entre continentes fixos (cisternas, lagos, cubas, etc.) e continentes móveis (cestos, barcos de todas as espécies, etc.) como de simples artifício taxonômico. Na noção de continente [...] vêm fundir-se três atividades: transporte, transbordamento e coleção (DURAND, 2002, p. 251).

Sendo continente, sendo proteção, se tem imagens de *abrigos*. “O abrigo nos sugere a tomada de posse de um mundo. Por mais precário que seja, proporciona todos os sonhos da segurança” (BACHELARD, 2003, p. 145). O hedonismo ligado aos veículos assim se explicaria. As imagens, na verdade, ou no seu obscurecimento poético, abrem-se para se pensar as suas sugestões, os seus conselhos. Assim, aqui se traz, também, a imagem da gruta:

[...] a gruta é um refúgio no qual se sonha sem cessar. Ela confere um sentido imediato ao *sonho de um repouso protegido*, de um repouso tranquilo. Passado um certo limiar de mistério e pavor, o sonhador que entrou na caverna sente que poderia morar ali. Bastam uns poucos minutos de permanência para que a imaginação comece a ajeitar a casa (BACHELARD, 2003, p. 143, grifo no original).

“Ajeitar a casa” logo que se sente protegido pela permanência, por se estar em um canto protegido. “O canto é [...] uma negação do Universo. No canto, não falamos a nós mesmos. Se nos lembramos das horas de canto, lembramo-nos de um silêncio, de um silêncio dos pensamentos” (BACHELARD, 1989b, p. 146). Se poderia assim investigar o onirismo presente no hedonismo citado, que atravessa os tempos e os espaços, que se localiza nas “tribos urbanas”, como denominou Michel Maffesoli segundo FURTADO (2012), que cultivam gostos que vão desde as coleções de carros antigos, passando pelos carros rebaixados ou então pela imaginação das reformas nos automóveis. Há, como se sabe, todo um mercado voltado para a estética automotiva - aqui não se vai entrar em uma sociologia, contudo, para se pensar a influência que o sistema econômico capitalista exerce; se está apenas elucidando a sua existência, pois o que se busca é o fundo imaginal e “quando se busca nesses longes oníricos, encontram-se impressões cósmicas” (BACHELARD, 2003, p. 80). E a gruta, assim, pode estar presente no imaginário da proteção primordial da barca e da sua atualização tecnológica, do automóvel.

Agora, sonhando as imagens por onde se transporta, a via por onde vai a barca é, evidentemente, o mar, as águas. Assim como a barca escoia pelo mar, faz o automóvel pelas ruas da cidade. E aqui uma lei da imaginação se faz necessária para uma aproximação dessas imagens imaginadas, da passagem adotada aqui do mar para as ruas: nos diz Bachelard (1989a, p. 125) que “para justificar a frequência e o natural da imagem, deve-se integrar à imagem componentes que não se *vêem*, componentes cuja natureza não é *visual*. São precisamente os componentes pelos quais se manifestará a imaginação material”. A imagem das ruas é uma imagem que *escoia* no imaginário. E nos diz Bachelard (1989a) que tudo o que *escoia*, para a imaginação, é água.

Sabendo-se sobre as águas, se faz necessário sonhá-las. “O curso das águas simboliza a corrente da vida” (CHEVALIER; GHEERBRANT *apud* MIGUEL, 2005). Heráclito, filósofo pré-socrático, já afirmava o devir existencial em sua famosa frase que diz que “nunca entramos duas vezes no mesmo rio”.

A água, assim como o homem, nunca é a mesma, pois se constitui em um elemento transitório por natureza. Ela pode tanto ser violenta, quanto plácida e calma; tanto representa o fim de tudo, o cataclismo, quanto o berço e a origem do mundo. Além de transitório (ou justamente devido ao fato de ser transitório), o elemento aquático é infinito (MINUZZI, 2014, p. 36).

As águas se apresentam aqui enquanto elemento de transições. Estar sobre ou sob a água é participar do movimento da existência. “O rio simboliza [...] a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e a variedade de seus desvios” (MIGUEL, 2005). É claro que mar e rio possuem forças diferentes, não se está igualando o seu simbolismo na totalidade, entretanto. O que aqui se constrói segue a lei da polivalência e da versatilidade dos sentidos de um símbolo, como ensina Cassirer (1994, p. 65):

Um símbolo é não só universal, mas também extremamente variável. Posso expressar o mesmo sentido em várias línguas; e, mesmo nos limites de uma única língua, um certo pensamento ou idéia pode ser expressado em termos totalmente diversos. [...] Um símbolo humano genuíno não é caracterizado por sua uniformidade, mas por sua versatilidade. Não é rígido e inflexível, e sim móvel.

As vias percorridas pelos automóveis nas cidades podem ser vistas ainda como *labirintos*. Imitando um percurso digestivo-labiríntico, as ruas se mostram enquanto *intestino*, isto é, cumprem uma função de caminho, com embarque e desembarque. Tal labirinto é bem explorado por Bachelard em sua obra “*La terre et les rêveries du repos*”. O percurso tomado pelo filósofo em seu estudo converge com o que trazemos a respeito de uma espécie de intimidade condutora, de uma imagem de descida primitiva na manifestação aqui estudada, no ofício de motorista.

A sensação de se estar perdido nas ruas da cidade é uma manifestação recorrente, principalmente quando se está em uma cidade desconhecida. Essa sensação, contudo, não é uma particularidade da vida urbana. Trata-se de uma experiência da imaginação arcaica. O labirinto é um tema primário da vida imaginária.

Logo, assim como se está em uma barca, sobre águas, se vive uma viagem e se está sob uma condução. O condutor da referida embarcação, o primitivo mitológico do motorista, é o barqueiro Caronte: “em particular, a função de um simples *barqueiro*,

quando encontra seu lugar numa obra literária, é quase fatalmente tocada pelo simbolismo de Caronte. Por mais que atravesse um simples rio, ele traz o símbolo de um além. O barqueiro é guardião de um mistério” (BACHELARD, 1989a, p. 81). Assim, Caronte conduz o viajante. Enquanto condutor é um *psicopompo*: “palavra de origem grega, que surge da junção de *psyché* (alma) e *pompós* (guia), indicando alguém ou algo que possui a função de guiar. Na mitologia grega, conforme Houaiss e Villar [...], esta missão literalmente seria a de ‘conduzir a alma dos mortos’” (BALIEIRO *et al.*, 2015). O *psicopompo* Caronte é também, assim, Hermes, ou deriva deste, deus da comunicação, que com suas asas nos pés realizava as traduções necessárias para as comunicações entre os deuses e os homens, segundo a mitologia grega. Note-se:

O imaginário popular é fértil e os ícones derivados da figura de Hermes e suas hibridações fervilham no sincretismo cultural contemporâneo, como indicam o culto dos santos ligados – simbolicamente – à comunicação, à conexão e à mobilidade: Nossa Senhora dos Navegantes (e da Boa Viagem), São Cristóvão (padroeiro dos motoristas), São Rafael (padroeiro dos motociclistas) (PAIVA, 2011).

A barca de Caronte agora, no seio da imaginação eufemizante, “é invertida em cesto da proteção de Moisés, na realização da antífrase própria do regime noturno” (MIGUEL, 2005). O que faz com que aqui se encontre o outro sentido das imaginações da intimidade: a antífrase, a dupla negação, a negação da negação, se nega a própria morte. Uma vez que Caronte é o condutor da alma dos mortos, aquele que leva ao Hades, a sua barca se transforma em abrigo, em lugar de segurança.

A eufemização do regime diurno, agora, irá transformar o túmulo em local de repouso, retorno ao ventre materno, um isomorfismo entre sepulcro e berço, valorizando a morte, o suicídio, o sono e o sonho; igualmente, a caverna, a gruta, a casa, o sótão, a adega, o barco, o automóvel, o ovo, a concha, o vaso, a taça – refúgios íntimos, microcosmos do corpo humano e isomórficos ao ventre materno” (GUIZZO, 2014).

Se vai em direção ao Hades, à morte, porque esta é parte fundamental das transformações psíquicas. A morte, na imaginação noturna, não é combatida, como quer a imaginação diurna e heróica por meio de suas imagens conflitantes. O lado noturno da imaginação eufemiza o processo da queda primordial em descida. O conhecimento da

intimidade requer, assim, a descida lenta ao reino de Hades. Para a nossa navegação aqui em estudo cabe, então, notar que “a alegria de navegar é sempre ameaçada pelo medo de ‘soçobrar’, mas são os valores da intimidade que triunfam e ‘salvam’” (DURAND, 2002, p. 250). Como negar que há quase sempre um medo de navegar ou de dirigir? São constantes e populares os relatos do medo de viajar, seja lá qual for o veículo, o destino ou a distância. É a imaginação do conforto e da segurança que vai transformar a movimentação, que é uma transformação, em possibilidades de vida, de se ver a vida a partir de outros lugares, enfim, de se chegar ao destino que se quer. Daqui poderíamos sublinhar a importância da estética, inclusive, no ofício do barqueiro/motorista, entre outras possibilidades de amplificar poeticamente o que foi exposto. Afinal, “não nos esqueçamos da intimidade triunfante da barca, como aquela que conservou um destino feliz para Moisés” (SOUZA, 2008).

O veículo aqui pode ser facilmente relacionado a esse refúgio eufemizante da *barca de Caronte*. O condutor é aquele que abriga o viajante, é o responsável pela *boa viagem*. Proprietário de seu veículo (mesmo que seja momentaneamente), “transmite” segurança à medida que responde aos valores simbólicos daquele que é conduzido. Assim como Caronte tranquiliza a mais temível viagem da humanidade, o motorista do cotidiano “profano”, “secular”, também lida com a possibilidade da morte, vide os iminentes perigos de qualquer tipo de transporte (acidentes de trânsito).

A respeito da ligação entre a morte e a viagem, nos diz Bachelard (1989a, p. 77): “a Morte é uma viagem e a viagem é uma morte. ‘Partir é morrer um pouco’. Morrer é verdadeiramente partir, e só se parte bem, corajosamente, nitidamente, quando segue o fluir da água, a corrente do largo rio”. Aliás, Caronte deve ser pago por esse trabalho de conduzir à morte. Mas de que se trata essa morte? Veja-se a secreta implicação hermesiana da função que cumpre o nosso barqueiro:

Nas obras alquímicas o significado da palavra “Mercurius” é do mais variados; não designa apenas o elemento químico mercúrio (Hg), Mercurius (Hermes) o Deus, e Mercúrio o planeta, mas também – e antes de mais nada – a secreta “substância transformadora” que é ao mesmo tempo o

“espírito” inerente a todas as criaturas vivas (JUNG *apud* BALIEIRO *et al.*, 2015).

A morte aqui cumpre a sua função transformadora. É a água, que é vida e morte ao mesmo tempo. Nos diz Durand (2002, p. 250) ainda que “[...] toda a barca é um pouco ‘navio fantasma’, atraída pelos inelutáveis valores terrificantes da morte”. Toda viagem tem destino, mais ou menos consciente. De qualquer forma, o destino final é inevitavelmente a morte. A cada viagem se morre um pouco. Não que viajar nos consuma mais rápido. Mas que viajar nos lembra da vertigem diante da passagem do tempo. Nada mais justo, portanto, recorrer aos simbolismos da intimidade para eufemizar essa passagem. Afinal, Caronte, transportando à Hades, leva à operação alquímica conhecida como *mortificatio*: “A *mortificatio* é a mais negativa operação da alquimia. Está vinculada ao negrume, à derrota, à tortura, à mutilação, à morte e ao apodrecimento” (EDINGER, 2006, p. 166).

Se vai, assim, reconhecendo toda uma valorização da intimidade que precisa reforçar o fundo repousante da barca, o que se vai encontrar tanto na estética quanto nas utilidades cada vez mais sofisticadas do viajar, tentando tornar a viagem mais agradável. Contudo, como se está sobre as águas, nos lembremos da operação alquímica que corresponde ao elemento aquático, a *solutio*. Esta “pode tornar-se *mortificatio*. Isso é compreensível, já que aquilo que está sendo dissolvido experimentará a *solutio* como uma aniquilação de si mesmo. Aplica-se aqui o dito de Heráclito: ‘Para as almas, é morte tornar-se água’” (EDINGER, 2006, p. 72). A *solutio* é a operação alquímica responsável pela dissolução de um sólido, cuja exerceu nos processos psicoterapêuticos uma influência nos seus fundamentos, nesses há um tipo de sujeição psíquica de um ser submetido a outro com uma consciência mais ampla, uma entrega à atividade terapêutica, onde um paciente procura o *velho sábio* para tratar de suas questões.

Caronte, assim, se apresenta quase como um herói. Afinal, “o herói do mar é um herói da morte” (BACHELARD, 1989a, p. 76). Enfrenta a morte de frente, negando a sua própria existência, ou melhor a sua própria função, formando simbolismos que integram a morte em ciclos, como demonstram os mitos do Eterno Regresso, bem notados pelo

historiador Mircea Eliade (1979). Bachelard (1989a, p. 75) ainda nos alerta: “A morte não seria a *última* viagem. Seria a *primeira* viagem. Ela será, para alguns sonhadores profundos, a primeira viagem verdadeira” (BACHELARD, 1989a, p. 75, grifos no original). A viagem inicia após a morte. Não é preciso muito para ver ritos que consideram a morte uma partida, a existência de cerimônias que colocam corpos em rios ou o contemporâneo carro funerário. De qualquer forma, nos diz Bachelard:

A imaginação profunda, a imaginação material quer que a *água* tenha sua parte na morte; ela tem necessidade da água para conservar o sentido de viagem da morte. Compreende-se assim, que, para esses devaneios infinitos, todas as almas, qualquer que seja o gênero dos funerais, devem subir na *barca de Caronte* (BACHELARD, 1989a, p. 78, grifos no original).

O motorista como o atual Caronte e o carro como a atual barca aqui assumem não uma simples correspondência. A intenção não é dizer que vivemos “ainda” da mesma maneira como nossos antepassados. A pesquisa desse fundo imagético, simbólico, nos sugere, pelo contrário, que não vivemos uma linearidade temporal, e muito menos com a prevalência do progresso. Os dramas simbólicos tem seus enredos construídos no vai-e-vem entre o mundo psíquico-fantástico e o mundo material. O imaginário é, assim, esse elo conector, pelo qual não nos deixamos ser totalmente aniquilados pelo tempo e as suas sujeições numa espécie de determinismo histórico, assim como não nos deixamos viver em uma eterna confusão mística sem algumas das necessárias assepsias salutares das construções científicas e sociais do conhecimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A barca, atualizada tecnologicamente, como um carro, nos provoca um olhar minucioso, atento, poético e até mais lento para as nossas manifestações laboriosas. A construção de mundos, realizada pelas funções fantásticas, incluindo, é claro, a linguagem - e sobre isso poderíamos ainda alçar um novo estudo com a presente temática -, se mostra sutilmente conectada a poéticas arcaicas, sustentada por motivações simbólicas que remontam a tempos ancestrais. O que nos coloca a pensar sobre o caro

projeto filosófico de desencantamento do mundo, a passagem do mito ao logos. Estaríamos vivendo os mesmos sonhos de outrora? Estaríamos os vivenciando, os realizando por uma fidelidade ao seu onirismo feliz? Ou estaríamos nos esquivando de nossos sonhos primordiais enquanto uma humanidade inteira? Ou estaríamos repetindo tais dramas de forma inconsciente, de modo até neurótico?

De qualquer maneira, pesquisar o fundo simbólico da psique humana, seja no nível individual pelo sonho ou pela imaginação ativa de um sujeito, seja no nível coletivo pelo imaginário, se apresenta aqui como uma ferramenta de conhecimento de nossas manifestações. Trata-se de olhar para além (ou aquém) das utilidades, tão racionalmente conectadas à economia, ao social e ao político, e dar eco ao novo espírito filosófico que procura se atentar também ao estético, ao simbolismo propulsor das criações humanas.

A barca e o automóvel, o mar e as ruas, o labirinto e as ruas, a morte e a viagem, Caronte e o motorista, são algumas das relações simbólicas que aqui foram trabalhadas. É claro que outras ainda podem ser construídas, o que nos leva ainda mais a nos atentarmos a esta provocação de Bachelard: a existência de uma *vontade de trabalho*⁶, despertada no seio do *trajeto antropológico*, tanto pelas seduções materiais quanto pelas intimações biopsíquicas, tanto por uma necessidade cultural quanto por uma *vontade*, por um *querer*, tão aparentemente subjetivo, mas que, por vezes, se revela como uma expressão da intersubjetividade pela qual vivemos e existimos enquanto seres sociais, íntimos e cósmicos, *com* o Outro, o Eu e o Mundo.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989a.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989b.

⁶ Tal *vontade de trabalho* é tema de uma pesquisa em andamento, a qual foi exposta na forma de resumo expandido em evento acadêmico da Universidade de Caxias do Sul.

_____. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre a imaginação da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALIEIRO, Cristina *et al.* A imagem arquetípica do psicopompo nas representações de Exu, Ganesha, Hermes e Toth. **REU**, Sorocaba, v. 41, n. 2, p. 295-311, dez. 2015.

CARBONI, Paulo Henrique. As estruturas antropológicas do imaginário na poética de Petrônio Bax. **Annales FAJE**, Belo Horizonte, v. 5, n. 3, 2020.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem**: Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

EDINGER, Edward F. **Anatomia da psique**: o simbolismo alquímico na psicoterapia. São Paulo: Cultrix, 2006.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa: Arcádia, 1979.

FONSECA, Pedro O. *et al.* Resenha: Bulcão, M.; Carvalho, M.; Marcondes, C.; Campello, A. A Poética de Gaston Bachelard - Mergulho na Imaginação: devaneio, dinamismo, instante, metamorfose. Rio de Janeiro: Multifoco, 2021. **Polymatheia**: Revista de Filosofia, Fortaleza, v. 14, n. 25, Jul./Dez. 2021.

FURTADO, Janaína Rocha. Tribos urbanas: os processos coletivos de criação no graffiti. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 217-226, 2012.

GUIZZO, Antonio Rediver. *O jardim de si*: o imaginário de Cláudia Roquette-Pinto. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 30, n. 1, Jan./Jul. 2014.

MIGUEL, Gilvone Furtado. O imaginário no conto “Natal na Barca”. **Signótica**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 57-71, jan./jun. 2005.

MINUZZI, Luara Pinto. **Mia Couto e a simbologia de embarcações aquáticas**: navegar, mais do que preciso, é sonhável. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

NOGUEIRA, Maria Aparecida L. Da relação entre o trajeto antropológico e a física moderna. **Ciência e Trópico**, Recife, v. 22, n. 2, p. 245-252, Jul./Dez., 1994.

PAIVA, Claudio Cardoso de. Hermes na Idade Média. Para uma antropofilosofia da comunicação digital. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2011, Recife, **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo: Intercom, 2011, v. 1, p. 1-15.

ROCHA, Gabriel Kafure da; SILVA, Nilton; FONSECA, Pedro O.; KRETSCH, Marcelo; PETRONILO, Cintia; LANÇA, Amanda; SOARES, Luís (tradução). Bachelard: conversações. **Kalagatos: Revista de Filosofia**, Fortaleza, v. 18, n. 1, p. 226-246, Nov./2021.

SOUZA, Enivalda Nunes Freitas e. O imaginário da morte repousante em Hilda Hilst. **Revista Texto Poético**, Goiânia, v. 4, n. 5, mai. 2008.

